



Realidade virtual e perspectivismo irônico em Jean Baudrillard

Virtual reality and ironic perspectivism in Jean Baudrillard

Juremir Machado da Silva¹
juremir@puers.br

O princípio da reversibilidade

Entre a realidade virtual e a sua alteridade – a virtualidade real – precisa existir um espaço de reversão, mesmo que de uma reversão irônica ou paradoxal, capaz de estabelecer uma relativização da potência tecnológica como instrumento puro de dominação ou de construção de imaginários. É isso que sugere praticamente toda a obra do grande pensador francês Jean Baudrillard, que morreu em 6 de março de 2007.

A melhor forma de homenagear um grande pensador morto é falar da sua reflexão ou dos temas que ela iluminou. Devia existir uma lei da lógica que estabelecesse uma obrigação de reversibilidade. Em outras palavras: só o reversível é logicamente aceitável. É isso que toda a obra de Jean Baudrillard indica e sustenta. Questão de perspectiva. Dado que se pode falar em realidade virtual, e não se faz outra coisa, teria de ser imperativo abordar a virtualidade real. Tudo aquilo que não passa no teste da reversibilidade – basta experimentar – peca por mutilação dos pontos de vista.

O raciocínio exposto acima pode até parecer extravagante ou caricatural, mas funciona como uma pertinente hipótese *ad hoc*, da qual não se envergonharia um Paul Feyerabend, capaz de possibilitar o exame das condições de aceitabilidade de argumentos relativos à natureza da realidade virtual. Não se trata aqui, vale ressaltar, de estabelecer uma genealogia da categoria "realidade virtual". A aventura é mais simples e, ao mesmo tempo, singular: localizar a confluência do paradoxo e da contradição no que se refere ao tema exposto conforme o rastro das idéias sempre devastadoras de Jean Baudrillard.

¹ Juremir Machado da Silva, doutor em Sociologia pela Sorbonne, Paris V, é professor da FAMECOS, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS e pesquisador do CNPq.

Conforme Edgar Morin, "a complexidade exprime-se pela associação de noções antinômicas, e que por isso parecem contraditórias" (1998, p. 355). A perspectiva da disjunção opera com a necessidade de superar as contradições. Relativista, a complexidade integra-a como parte do húmus existencial: "Todavia, a contradição não pode deixar de ser aparente; um paradoxo resolve-se quando situamos as duas proposições antagônicas num sistema de referências enriquecido onde aparece a sua complementaridade lógica" (Morin, 1998, p. 355).

A contradição e o paradoxo representam na obra de Jean Baudrillard um encontro das águas em que os rios argumentativos andam alguns quilômetros em paralelo antes de fundirem-se num novo ser fluente com identidade própria, oriundo de uma "hibridização" mediada pela força dos acontecimentos. Ser rio é ser verbo, logo movimento. Não há verbo em estado puro, exceto o da língua morta. Mas se é possível falar em língua morta, pode-se então enfocar a ressurreição da língua no ato da fala.

Fica explícita a escolha, neste contexto, de um grau infinitamente baixo da idéia de perspectiva. Nada mais do que uma câmera na mão. Quanto às idéias na cabeça, isso já constitui outra possibilidade. Tome-se um exemplo de paradoxo bastante simples e talvez prospectivo. Qual é a diferença entre o homem e o computador? A pergunta pode até nos parecer absurda, mas é recorrente no pensamento de intelectuais como Jean Baudrillard, Lucien Sfez ou Paul Virilio, a tal ponto que se pode aproximar os termos memória e lembranças. Os computadores têm memória, mas não lembranças. Muita memória, nenhuma recordação. Essa sempre foi a perspectiva de Baudrillard. "A inteligência artificial é sem inteligência, porque não tem artifício. O verdadeiro artifício é o do corpo na paixão, o do signo na sedução, da ambivalência nos gestos, da elipse na linguagem, da máscara no rosto, da tirada que altera o sentido, e que por esse motivo é chamada tirada inteligente" (Baudrillard, 1990, p. 60).

A inteligência artificial é burra.

Realidade virtual

Realidade virtual, em princípio, é um oxímoro. Se é virtual (possível), ainda não é real. Se é real (já existente), não é virtual. Ora, como se sabe, a existência de um unicórnio é incontestável, assim como a de um centauro. Trata-se de seres de realidade meramente virtual (imaginária). Já a morte de Baudrillard depende de uma perspectiva específica. O que é que desaparece? O corpo? O real? A morte, assim como a mensagem enviada por e-mail, nada tem de imaginária, ainda que seja rica em imaginação. É somente imaterial. Ambas são impalpáveis. Inexiste contradição forte de princípio entre o imaterial e o real. Mas o imaterial da morte se dá por cansaço da matéria.

Mesmo se o que os olhos não vêem, segundo o provérbio, o coração não sente, o imaterial toca, cada vez mais, a todos. De resto, o imaterial pode ser visto (a imagem), embora permaneça fora do alcance da mão. A virtualidade real, em contraposição, apresenta-se muito mais palpável. Se a realidade virtual já é o presente tecnológico instalado em casa, a virtualidade real con-

tinua a ser o futuro, a utopia possível, o não-lugar alcançável pela atualização permanente do virtual.

Boa parte do discurso sobre a potência das novas tecnologias de comunicação é virtual, um não-lugar apresentado como novo lugar da realização de um projeto. Em síntese, uma utopia. Discurso excessivo, ancorado num otimismo prospectivo, que se baseia na impalpabilidade do objeto como prova da sua "concretude". A utopia do ciber mundo, obviamente, não é real, embora a cibercultura exista e altere o "real" em aspectos instrumentais. Jean Baudrillard escreveu: "O homem soube inventar máquinas que trabalham, deslocam-se, pensam melhor do que ele, ou em lugar dele. Nunca inventou uma que pudesse gozar ou sofrer em seu lugar. Nem mesmo que possa jogar melhor do que ele. Talvez isso explique a profunda melancolia dos computadores" (1999, p. 138). O virtual é intemporal.

Regras do jogo

O perspectivismo irônico é, portanto, uma hipótese *ad hoc*, uma simulação, ou mesmo um simulacro de hipótese científica, cuja comprovação corresponde, por exemplo, à possibilidade de demonstração da democracia virtual no ciberespaço como novo mundo. O núcleo dessa hipótese é bastante simples e absurdo: somente a reversão irônica pode mostrar a falácia de uma proposição excessiva, mas sustentada pelo entusiasmo do sujeito cognoscente. Cada página de Jean Baudrillard, depois de encerrada a sua fase marxista e estruturalista, expressa rigorosamente esse deslocamento de sentido voltado para a revelação dos pretensos sentidos historicamente sustentados.

No campo acadêmico, cuja crise de identidade assume proporções inimagináveis, a metáfora tornou-se, segundo muitos dos seus críticos, uma garantia de isenção. Como não afirma, substitui por uma imagem comparativa, aproximativa, fica livre do ônus da prova. A crítica ao positivismo acadêmico tem levado pesquisadores ao terreno oposto, o da ruptura com qualquer compromisso racional ou argumentativo. O resultado é a existência de frases, em trabalhos "científicos", como "era assim porque estava escrito nas estrelas". Ou, como no caso de Jean Baudrillard, à genial implosão da pseudocientificidade.

Em termos de metáforas, a invasão do campo acadêmico pela subjetividade ilimitada deveria ser comparada a um jogo de futebol no qual um jogador célebre, como o brasileiro Romário, decidiu disputar uma final de campeonato com uma raquete. Os espectadores, com certeza, reagiriam, frustrados, e impediriam a continuação da partida, sob a alegação de que a raquete, apesar da autoridade de Romário, como figura de endosso, quebra as regras do "campo futebolístico". Salvo quando a mudança de perspectiva inaugura um novo campo, um novo jogo, uma nova visão de mundo. Ao passar da crítica à ironia, Baudrillard indicou que a regra do jogo anterior havia caducado.

O inaceitável no campo esportivo, porém, torna-se cada vez mais permitido no campo acadêmico. Nesse sentido, o relativismo pós-moderno (tomado aqui, arbitrariamente, como sinônimo de perspectivismo) tem a sua responsabilidade. Afirmar

isso, no entanto, não significa transformar a polêmica noção de pós-modernidade em algo de uma modernidade ideal e corrompida por um factóide. Trata-se, antes de tudo, de apostar numa pista de investigação: a crise do campo acadêmico permite, ainda mais, os avanços do discurso excessivo sobre as novas tecnologias da comunicação. Baudrillard nunca se viu como um pós-moderno. Nem como um acadêmico, embora tenha sido professor universitário na França ou nos Estados Unidos. Na sua trajetória de franco-atirador intelectual, *serial-killer* de primeira linha, tratou justamente de se situar aquém e além do academicismo.

Se as regras do jogo não servem mais, dizem os "controladores do jogo", seria necessário um novo consenso argumentativo (precário como é da sua natureza) para legitimar os procedimentos em curso no espaço intelectual. Na atualidade, haveria uma espécie de campo sem lei, onde cada um impõe a sua norma. Como se Romário pudesse, por força de sua biografia, fazer valer o inaceitável. No caso, uma força maior o limita: as regras aceitas por uma comunidade exterior, mas adjacente, ao campo dos profissionais do esporte. Baudrillard ironizava: "Mas onde está a alteridade? Estamos em plena orgia de descoberta, de exploração, de 'invenção' do Outro. Orgia de diferenças. Proxenetismo bilateral, interfacial, interativo. Tendo atravessado o espelho da alienação (estádio do espelho que faz as delícias da nossa infância), a diferença estrutural prolifera ao infinito, na moda, nos costumes, na cultura" (1990, p. 131). Ainda existiria uma verdade e uma não verdade?

Quem legitima ou deslegitima o especialista no campo das ciências sociais? Cada vez mais, imperaria a lei do capital individual. "Y" pode mais do que "X". Este é superior a "Z". Em termos de epistemologia, a comunidade acadêmica encontra-se mergulhada numa velha questão: qual o valor de um argumento? Ou, em outras palavras, quem apresenta a prova da prova? Com certeza, Jean Baudrillard não pretendia provar coisa alguma. Ao contrário, seu relativismo era apenas uma maneira de indicar que ninguém apresentava as provas das suas provas.

O perspectivismo irônico, de acordo com o uso impreciso da expressão feito aqui, num exercício de retomada interpretativa do ceticismo do último Baudrillard, possibilita dizer: o campo esportivo, mesmo no caos da cultura brasileira, tem regras mais precisas que o campo acadêmico. Nada mais justo. Pensar é correr o risco da aventura e se coloca fora da perspectiva da vitória. É recorrente a expressão de que se vive na "era do virtual". Como refutar esse tipo de afirmação? Da mesma forma, como garantir a sua validade? O perspectivismo determina que se está diante de uma situação de indecidibilidade.

Deve-se lamentar isso? Depende do ângulo de análise. Os cientistas sociais estão mais lúcidos (e talvez mais cínicos como Baudrillard ao final da vida) e sabem que inexistem provas últimas fora da metafísica. Em contrapartida, a imagem das ciências humanas junto à sociedade sofre com isso. Formada numa tradição positiva, no sentido de um imaginário social, a sociedade quer verdades e previsões. As narrativas pós-modernas só podem oferecer "opiniões" sustentadas e constatações.

Assim, por exemplo, o discurso sobre as novas tecnologias da comunicação nada tem de científico, pois não apresenta uma possibilidade de reversão. Certamente melhor seria tratar deste problema com base em Karl Popper. Mas a natureza do tema facilita um jogo de perspectivas e, acima de tudo, um vocabulário ao mesmo tempo analógico e fluido. Ou, como preferia Jean Baudrillard, "só permanece a estranheza do estranho, o irredentismo do objeto" (1990, p. 154).

Edgar Morin indica o paradoxo incontornável: "Assim, tudo se encontra contido na linguagem, mas ela própria é uma parte contida no todo que contém. A linguagem está em nós e estamos na linguagem. Fazemos a linguagem que nos faz. Somos, na e através da linguagem, abertos pelas palavras, fechados nas palavras, abertos para o outro (comunicação), fechados para o outro (mentira, erro), abertos para as idéias, fechados nas idéias, abertos para o mundo, fechados ao mundo. Reencontramos o paradoxo cognitivo maior: *somos prisioneiros daquilo que nos liberta e libertos por aquilo que nos cerca*" (Morin, 1998, p. 216). Baudrillard, mestre de estilo, complexifica simplificando: "No espaço da comunicação, as palavras, os gestos, os olhares ficam em estado de contigüidade incessante, sem contudo jamais se tocarem" (1990, p. 63).

No futuro

A linguagem é maior do que a lógica. A existência envolve as duas num jogo infinito. No futuro pode ser sem futuro. A tecnologia abre um mundo enquanto fecha outros. A potência tecnológica, com frequência, não passa de um poder da técnica. O virtual não elimina o real, pois não passa de uma de suas facetas. O real, porém, não se esgota no realismo. Menos ainda numa realidade positiva e determinada. Por mais que a incerteza doa e frustre, ela fez sua entrada triunfante num mundo, até então, dominado pela noção de certeza. Até quando? Não se sabe. Mas, certamente, até que um novo paradigma, ancorado na certeza, obtenha o consenso dos pares para reinar por algum tempo no topo das perspectivas "científicas" sem ironia. "A virtualidade aproxima-se da felicidade somente por eliminar sub-repticiamente a referência às coisas. Dá tudo, mas sutilmente. Ao mesmo tempo, tudo esconde. O sujeito realiza-se perfeitamente aí, mas, quando está perfeitamente realizado, torna-se, de modo automático, objeto; instala-se o pânico (Baudrillard, 1999, p. 149). Por trás da aparência só há a aparência.

Por enquanto, no grande jogo de palavras do mosaico social, a democracia virtual permanece um horizonte; logo, um não-lugar, uma aposta, assim como a da supremacia do virtual. "Nossa realidade virtual, nossos sistemas de informação e de comunicação também estão, desde muito tempo, além do princípio da realidade" (Baudrillard, 2003, p. 31). Em humanidades, tanto quanto em ficção, vence, temporariamente, a melhor narrativa. O herético de hoje será o canônico de amanhã. Jean Baudrillard foi canônico na heresia, o próprio cânone da heresia, o narrador por excelência de uma época em perda de transcendência. A sua marca se estenderá até

que uma revolução epistemológica venha varrer uma verdade que nunca foi total para impor outra como se, enfim, o virtual se tornasse real. *C'est la vie*.

Referências

- BAUDRILLARD, J. 2003. *Power inferno*. Porto Alegre, Sulina, 80 p.
BAUDRILLARD, J. 1999. *Tela total*. Porto Alegre, Sulina, 176 p.
BAUDRILLARD, J. 1990. *A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos*. Campinas, Papirus, 188 p.
MORIN, E. 1998. *O Método 4 – as idéias, habitat, vida, costumes, organização*. Porto Alegre, Sulina, 320 p.

Referências complementares

- BAUDRILLARD, J. 2004. *O anjo de estuque*. Porto Alegre, Sulina, 48 p.

- BAUDRILLARD, J. 1997. *Le paroxyste indifférent (entretiens avec Philippe Petit)*. Paris, Grasset, 212 p.
BAUDRILLARD, J. 1995. *Le crime parfait*. Paris, Galilée, 210 p.
BAUDRILLARD, J. 1992. *L'illusion de la fin*. Paris, Galilée, 176 p.
BAUDRILLARD, J. 1991. *La Guerre du Golf n'a pas eu lieu*. Paris, Galilée.
BAUDRILLARD, J. 1981. *Simulacres et simulations*. Paris, Galilée, 201 p.
BAUDRILLARD, J. 1977. *Oublier Foucault*. Paris, Galilée, 87 p.
FEYERABEND, P. 1977. *Contra o método*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 490 p.
MORIN, E. 2002. *O Método 2 – a vida da vida*. Porto Alegre, Sulina, 528 p.
SFEZ, L. 1997. As tecnologias do espírito. *Revista Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia*, 6:7-16.
WOLTON, D. 1996. *Elogio do grande público, uma teoria crítica da televisão*. São Paulo, Ática, 320 p.

Submetido em: 13/04/2007

Aceito em: 20/04/2007